

**Estratégias para Retomar a Pastoral da Juventude a partir dos Grupos de Base
(Reflexões sobre o 13º ENPJ em São Luís em 2025)**

Jorge Boran cssp

Uma observação inicial. Comecei este texto com a ideia de escrever uma pequena notícia sobre a ida ao **13º ENPJ**. Ao iniciar, surgiu a ideia de escrever um pequeno artigo, inspirado na experiência do encontro. Mas o pequeno texto se tornou um artigo para melhor ajudar os coordenadores jovens e os assessores adultos que iam enfrentar o desafio de retomar e fortalecer a pastoral da juventude a partir do fortalecimento dos grupos de base, mas, não conhecem **as armadilhas**, os **primeiros passos** e a necessidade de um **plano a longo prazo**. Sinto que há urgência de passar algumas ideias que possam ajudar para que a enorme boa vontade possa dar frutos concretos e **evitar o fracasso e desânimo provocados pela falta de clareza** de como proceder, ao voltar às bases. No final deste texto há um **link para fazer um download ou imprimir este artigo**, para facilitar para os coordenadores jovens e assessores adultos que querem discutir as ideias com seu grupo ou coordenação.

Neste artigo, uso alguns textos de um **novo livro que espero publicar** no final do ano ou no início do novo ano.

Entre os dias 12 e 19 de janeiro de 2025 participei do 13º Encontro Nacional da PJ (**13º ENPJ em São Luís em 2025**). Queria deixar minhas impressões sobre o Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (13º ENPJ). Mas depois decidi escrever um texto maior para esclarecer os muitos desafios, hoje.

Participaram 350 jovens como delegados e convidados e mais de 150 jovens que participaram da organização do evento, durante uma semana. Cheguei, como parte de uma delegação de 60 jovens do estado de São Paulo (Sul I). Na semana anterior, mais de 40 jovens haviam participados de um encontro virtual para se preparar para o evento nacional. Fiquei surpreso com a **motivação e a capacidade de mobilização** dos jovens de um regional que, ultimamente, está tentando sair de uma crise de grupos de base, um desafio que está presente em outros regionais.

Durante o encontro, os **jovens vivenciaram dias de imersão na realidade local**, sendo **acolhidos pelas famílias de 11 paróquias** e participando de um dia de missão no meio do povo. Um momento forte foi a vivência das ricas **tradições culturais do povo** do nordeste, em especial de Maranhão. Os **momentos de espiritualidade**, de discernimento vocacional e de celebração, como as Celebrações de Abertura e de Envio, foram muito criativas, participativas e orantes, a Via **Sacra** com a mistura do tradicional

com a criatividade do novo, a Romaria de três horas, a noite, pelas ruas de São Luís, com trio elétrico e uma multidão de jovens, cantando, dançando e rezando. Sobrou inclusive um dia para pegar uma praia. O ambiente no encontro foi muito influenciado pela presença ativa de **Dom Vilson Basso, Presidente da Comissão Episcopal para a Juventude da CNBB e Dom Antônio Fontinele, bispo referencial da PJ**. Os dois bispos participaram com os jovens, conversando, brincando, trocando ideias, rezando e se colocando a serviço do fortalecimento da pastoral da juventude. Bispos no estilo do Evangelho, que exercem o poder eclesial como serviço, no estilo do Mestre que lava os pés dos discípulos. O êxito do encontro foi, também, graças a Arquidiocese de São Luís que colocou toda sua infraestrutura a serviço do encontro nacional.

O encontro teve **importância histórica. Gerou uma forte energia** e motivação entre os delegados de todo o país, **impulsionando a retomada das bases**, enfraquecidas pela pandemia e pelo afastamento de muitos coordenadores. No entanto, sem uma visão clara de direção e uma metodologia bem definida, esse entusiasmo poderia se dissipar rapidamente. Para evitar soluções superficiais, era essencial adotar uma pastoral planejada, com metas e prazos.

QUERO DESTACAR DUAS QUESTÕES.

- 1. A Importância e limitações dos eventos massivos**
- 2. O desafio de formar e acompanhar novos grupos de jovens**

1.METODOLOGIA DE EVENTOS MASSIVOS.

O 13º ENPJ, com seus 500 delegados e jovens da infraestrutura exigiu uma metodologia de eventos massivos para manter a atenção e motivação dos jovens durante uma semana. No passado a Pastoral da Juventude nem sempre dominava esta metodologia, ficando preso, às vezes, a um discurso demasiadamente racional. O encontro mostrou que a PJ está conseguindo fazer **uma nova síntese entre a cultura moderna que acentua o discurso intelectual e a cultura pós-moderna que acentua a importância do emocional**, da subjetividade e do simbólico. Trata-se de um avanço importante para fortalecer o trabalho pastoral com a nova geração que nasceu na era digital. **O não racional, os sentimentos, os símbolos, a imaginação, os rituais, a dança, a liturgia, a coreografia e a imaginação são importantes** para que uma geração de jovens consiga transmitir a mística da PJ. Impressiona como está mística é transmitida pelos jovens de uma geração a outra, mesmo em tempos de crise e dificuldades nos trabalhos de base.

Claro que aqui estamos falando de uma **síntese entre o racional e o emocional**. **Sobrevalorizar o emocional, esvaziando a dimensão intelectual, pode levar a uma fé cega**, ao fundamentalismo, flertando com o neonazismo/fascismo e suas diferentes expressões no mundo hoje e a possibilidade de espalhar e se influenciar por **fakenews**.

Acaba levando, também, ao esvaziamento da luta pela justiça e a democracia. **O racional e o subjetivo são dois lados de uma mesma moeda**, esperando para se juntar num processo de formação integral e de crescimento e educação na fé por etapas.

Durante o encontro, em São Luíz, gravei **vários vídeos de diferentes momentos como: a celebração de abertura**, momentos de **animação**, a **romaria com trio elétrico** pela cidade de São Luiz à noite, a **celebração de Envio**. Juntamos nossos vídeos com outros vídeos, postados por participantes, para produzir um único vídeo destes momentos fortes do encontro. O link está no final deste texto. Houve, também muitos momentos ricos da cultura do Maranhão, que infelizmente não gravei. **O vídeo tem a capacidade de ajudar a vivenciar a experiência original que a palavra escrita não tem**. Parabéns às diferentes equipes que dominavam a metodologia de eventos massivos e que possibilitaram esta experiência.

Os eventos massivos são importantes para motivar os jovens e criar credibilidade como pastoral, frente à Igreja e à sociedade. **O problema** é quando reduzimos a pastoral da juventude a organização de alguns eventos durante o ano.

Os eventos de massa precisam ser complementados por uma pastoral de **acompanhamento sistemático, de pessoas e pequenos grupos** de base, e que respeita uma metodologia de crescimento na fé e no compromisso que passa por etapas. O grande **pecado no processo de iniciação é de queimar as etapas** de educação na fé e da consciência. A consciência não se impõe, mas precisa passar por um processo de descoberta.

Uma pastoral de **eventos de massa, por si, não forma liderança** e não desperta compromisso, ao longo prazo. Para ser eficaz, precisa ser complementada por uma pastoral de acompanhamento sistemático de pessoas e de grupos na base, a próxima questão que vamos estudar. **Segue link para o vídeo que acompanha este artigo:**

<https://youtu.be/DCQcBvquXg4>

1. RETOMADA DOS GRUPOS DE BASE

A segunda questão importante foi a opção de priorizar como **tema central do encontro** o compromisso de **nuclear, animar e fortalecer grupos de base** nas paróquias e comunidades.

A Crise dos Grupos de Base

A maior crise vivida pela PJ, em muitas dioceses, é **a crise ou até a ausência de grupos de jovens. Sem grupos não há processo de iniciação na vida cristã, o despertar para o compromisso e a formação de novas lideranças.** A PJ corre o perigo de cair num elitismo desligado da base, assim perdendo credibilidade e identidade como pastoral. **Pensamos a partir da realidade onde fincamos nossos pés.** Caso esta realidade não seja a realidade da nova geração de jovens, numa comunidade concreta, **não há como acertar uma estratégia para encantar, conquistar os jovens hoje** para formar um novo grupo e iniciar um processo de crescimento, de educação na fé e do despertar da consciência e do compromisso. Sem base, corremos o perigo de **ficar numa bolha** com pessoas que pensam iguais, voando de helicóptero sobre a realidade desta nova geração de adolescentes, a chamada **geração Z.** Quando falamos de novos grupos, estamos falando de **grupos de adolescentes. Não se forma grupos com jovens mais velhos,** porque nessa idade estão “em outra”.

Pensando nos Grupos de Base com Cabeça de Militante

Voltamos para refletir sobre o Encontro Nacional que inspirou este texto. Sem perceber o encontro chamou atenção a um problema comum hoje. Qual é o problema? Quando **pensamos em novos grupos de jovens pensamos com a cabeça de militantes. Esquecemos do processo de iniciação** elaborado e sistematizado pela pastoral da juventude anteriormente. Durante o encontro nacional, foram apresentados exemplos **de grupos engajados na política e no movimento social. Faltava exemplos de grupo de iniciantes** enfrentando as dificuldades de conquistar e trabalhar com a nova geração.

Também, no final do encontro, no momento de encaminhar o **Agir do encontro a pergunta para orientar o trabalho dos grupos foi “Como construir o “bem-viver?”** No grupo que participei, havia dificuldade de entender o termo “bem-viver”. Alguém tentou esclarecer dizendo que era um termo acadêmico ligado a cultura dos povos indígenas. Depois da confusão inicial o grupo chegou à conclusão que a **pergunta do Agir** deve ser o tema do encontro: **“Como nuclear, animar e fortalecer grupos de base nas paróquias?”**

Nos últimos dois anos, foi chegando-se a um consenso que **a prioridade da PJ, nos próximos anos, deve ser a volta às bases** para acompanhar sistematicamente os poucos grupos de base existentes e iniciar novos grupos. **A falha da metodologia do encontro nacional, no momento do Agir** do encontro nacional, foi importante para

destacar a **dificuldade de mudar de uma opção teórica para uma opção prática. Não basta voar de helicóptero** sobre a realidade das comunidades e paróquias, sacudindo uma vara mágica e decretando o nascimento de novos grupos. Precisa ter **contato** com esta nova geração para sacar como motivá-la. Também precisamos ter um **plano com metas e prazos**.

Distinção entre Iniciantes e Militantes

Precisamos retomar uma distinção importante da metodologia da Pastoral da Juventude que em alguns lugares foi abandonada: **a distinção entre iniciantes e militantes**. O processo de iniciação passa por etapas e é importante **não queimar etapas** de crescimento e de consciência. Esta distinção é importante, não só para respeitar o ritmo dos iniciantes, mas, também, para formar novos líderes. Caso contrário estaremos assistindo o desaparecimento da última geração de líderes da PJ pela incapacidade de renovar **seus quadros**.

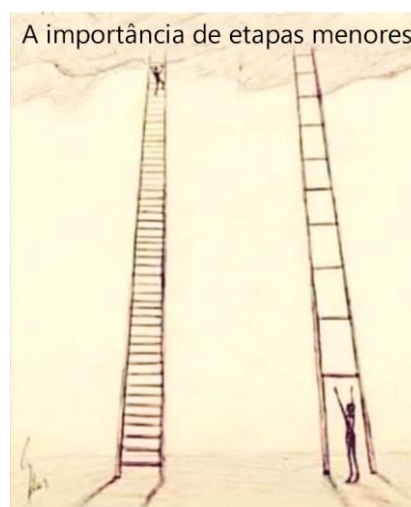
Os jovens não nascem comprometidos com a Igreja e com a justiça social. O processo de **iniciação na vida cristã é lento** e passo por etapas. Sem este processo a PJ perde sua identidade como pastoral. Não podemos querer **colher frutos** se não cultivamos a terra, semeamos, adubamos, regamos e acompanhamos os brotos novos que nascem. O processo de iniciação não começa com discurso político e de compromisso.

As Etapas de Iniciação

Os documentos da PJ descrevem as etapas de iniciação como: **nucleação >>> descoberta do grupo >>> da comunidade eclesial >>> descoberta do problema social >>> descoberta da organização mais ampla da PJ >>> descoberta das causas estruturais >>> descoberta das etapas percorridas**. Aplicar a **metodologia de um grupo militante a iniciantes é pular etapas** e comprometer o processo. É como oferecer uma feijoada a um recém-nascido.

O documento 85, Evangelização da Juventude, descreve as etapas de maneira mais bíblica-teológica:

“Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16).



Do encontro pessoal com Jesus Cristo, nasce o discípulo, e do discipulado nasce o missionário. O encontro pessoal é a primeira etapa. Em seguida, **nasce um itinerário, em cujas etapas vai amadurecendo pouco a pouco** o compromisso com a pessoa e o projeto de Jesus Cristo, à luz do mistério pascal.

Cada etapa abre horizontes ao jovem para definir seu projeto de vida. O jovem aprende a escutar o chamado de Cristo; a buscar uma vida interior de valores evangélicos; a sair do individualismo para pensar e **trabalhar com os outros**; a **participar de uma comunidade eclesial** concreta; a se **sensibilizar como o bom samaritano com o sofrimento alheio**; a participar de uma **pastoral orgânica** com os outros; a entender que a **luta pela justiça é um elemento constitutivo** da evangelização; e a **se comprometer de maneira decisiva com a missão**. Estas etapas devem levar a **uma opção vocacional**, entendida como vocação de leigo ou vocação de especial consagração, como presbítero ou religioso(a). O que sustenta a caminhada é a graça de Deus” (Doc 85, 88, CNBB).

ESTRATÉGIAS PARA INICIAR E ACOMPANHAR NOVOS GRUPOS DE JOVENS

Observação. Uma das dificuldades para começar um novo grupo de jovens é termos perdido a experiência da memória histórica e da metodologia sistematizada no passado. A geração anterior não passou sua experiência para a nova. Esta metodologia priorizava a preparação do terreno para que as sementes plantadas para iniciar um novo grupo pudessem **criar raízes e, assim resistir às tempestades** que toda a hora tentavam derrubá-lo. O desafio não é só iniciar um novo grupo, mas também, de ter clareza de um **plano de acompanhamento sistemático** para não morrer ao dar seus primeiros passos. **Seguem sugestões concretas** que funcionaram no passado e que nossos assessores adultos e coordenadores jovens **precisam reaprender** e às vezes adaptar.

1. FORMAR UM NOVO GRUPO DE JOVENS

Hoje não é fácil iniciar novos grupos. Não basta fazer um convite geral, por exemplo, na missa dominical. Há duas estratégias que tem dado bom resultado quando bem trabalhadas:

- a. Apresentando um novo grupo de jovens com solução para o desafio de **pós crisma**;
- b. formando um grupo **a partir de um encontro ou curso.**

Conto uma experiência para ajudar a entender melhor os desafios. **Em 2022, o pároco de uma paróquia de periferia de São Paulo** me pediu para organizar um Curso de Dinâmica para líderes (CDL) como ponto de partida para iniciar um trabalho pastoral

com jovens. A estratégia foi de apresentar a **proposta de formar um grupo de jovens no final do curso**.

Desde o início, tivemos a preocupação de **envolver as lideranças adultas das seis comunidades**, na preparação do curso, na seleção dos jovens a serem convidados para fazer o curso e a organização da infraestrutura do curso. O envolvimento dos adultos da paróquia seria importante posteriormente para garantir apoio.

Durante o CDL houve uma **palestra sobre estratégias para formar e acompanhar um novo grupo de jovens**. A palestra foi dada por um jovem que deu testemunho pessoal da importância do grupo na sua formação. Em seguida, os participantes **discutem a possibilidade de continuar como novo grupo de jovens**. O convite foi aceito com entusiasmo devido aos fortes laços afetivos criados, durante o curso.

A metodologia do CDL cria fortes laços afetivos e o curso é normalmente uma forte experiência de igreja comunidade e ministerial. Mas, o **fortalecimento dos laços afetivos é mais do que uma estratégia** para conquistar os jovens. Faz parte da eclesiologia do Novo Testamento que fala da experiência de comunidade da Igreja primitiva, em Jerusalém, de sentir-se como “uma só alma e uma só coração” (At 4,32). A Igreja é uma comunidade não somente de cabeças, mas, sobretudo, de corações.

2. ESTRUTURA E METODOLOGIA DO GRUPO DE JOVENS.

Observação inicial. Os grupos de jovens são importantes. Sem grupos é difícil acompanhar os jovens e iniciar processos de acompanhamento sistemático que passam por etapas de educação na fé, de crescimento e de formação de líderes. Há pessoas, às vezes, que falam que grupos presenciais não funcionam mais, **mas não propõem alternativas que funcionam em algum lugar**. Assim desmobilizam a pastoral.

Sem grupos, a pastoral cai no elitismo, com um discurso genérico divorciado do jovem concreto, e, portanto, sem a capacidade de evangelizar e mobilizar os jovens.

Claro que com o avanço da **internet há possibilidade de fazer um trabalho híbrido** que mistura o presencial e o virtual. **As tentativas de substituir o presencial com somente o virtual não funcionam** porém amigos virtuais não substituem amigos presenciais. Para eliminar um amigo virtual é fácil. É só pressionar a tecla *del* do teclado. Eliminar um amigo presencial, por outro lado, é sempre traumático.

a. OS JOVENS COMO PROTAGONISTAS.

A metodologia usada deve promover os jovens como protagonistas do seu próprio processo de formação. Todos devem sentir-se como “donos” do grupo e para isso é importante que participem das decisões.

No final do curso, os participantes **marcaram uma primeira reunião para 15 dias depois do curso** para discutir como encaminhar um grupo paroquial ou grupos em cada uma das seis comunidades. A maioria dos participantes era adolescentes, com participação, também, de alguns jovens e um casal de adultos que participou do curso com seus dois filhos adolescentes.

A primeira reunião era decisiva. Um dos participantes havia tentado formar um grupo de jovens no ano anterior, mas que durou apenas duas semanas. A continuidade deste grupo dependerá do desafio de **criar a consciência que o grupo era deles** e não do seminarista que iria acompanhar o grupo. **A metodologia deveria promover o protagonismo dos jovens.** Quando cheguei na reunião, os jovens estavam sentados num retângulo estreito ao redor de mesas, o que impossibilitava a todos se verem e, portanto, dificultando a participação de todos. Chamei atenção para a necessidade de formar um círculo com as mesas para que todos pudessem se enxergar e assim participar ativamente.

b. ELEIÇÃO DE UMA EQUIPE COORDENADORA

Um passo importante, nesta reunião, foi **a eleição de uma equipe coordenadora** do grupo. Os participantes decidiram que a coordenação seria composta de representantes das **seis comunidades**, além do seminarista como **assessor religioso** e o **casal de adultos** que participaram do CDL com seus dois filhos adolescentes e, assim, eram muito aceitos por todos. O casal adulto era importante para a estabilidade do grupo no futuro, sendo modelo para os jovens numa sociedade carente de modelos autênticos.

Uma das questões importantes, ao pensarmos em **protagonismo juvenil**, diz respeito à **vivência democrática que queremos que nossos jovens aprendam e exercitem em seu processo de formação.** Portanto, um momento crucial foi a eleição. Participar de uma eleição é um exercício importante para a vida em sociedade e também na construção da comunidade de fé, de uma igreja sinodal seja pela responsabilidade do voto em eleger quem acreditamos que pode nos representar ou exercer ministérios, seja pela atitude de serviço e sentido de ministério que quem é eleito deve exercer.

Para a eleição fizemos um **processo de discernimento** com os seguintes passos:

1. Momento de **oração** pedindo a iluminação do Espírito Santo.
2. **Levantamento de critérios** exigidos.
3. **Leitura bíblica.** Frequentemente é usada a leitura do texto que descreve a eleição do substituto de Judas nos Atos dos Apóstolos.
4. Votação de **sondagem**.
5. Decisão sobre **porcentagem necessária para a aprovação final**, por exemplo, maioria de dois terços nas duas primeiras votações e 50% + 1 para as últimas votações.
6. Oportunidade para os candidatos mais votados a falarem.
7. Votação em segredo até chegar à porcentagem decidida acima.

Em seguida foi **eleita uma coordenadora jovem**. Foi explicado que o coordenador jovem **tem como função coordenar as reuniões – não o** assessor religioso ou assessor leigo adulto – para promover o protagonismo do jovem. O jovem aprende responsabilidades exercendo responsabilidades e **aprende a ser líder, liderando**. Não somente escutando discursos.

O maior desafio hoje para iniciar um novo grupo é de **encontrar um jovem com experiência que possa coordenar o grupo. Sem um bom coordenador (a) dificilmente o grupo consegue sobreviver**. Muitos dos líderes diocesanos da Pastoral da Juventude não tem mais a paciência, o tempo e metodologia para acompanhar um novo grupo e estar presentes em todas as reuniões. Portanto, é importante encontrar um jovem ou adolescente que tenha as habilidades e liderança e motivação para assumir esta função. Esta tarefa às vezes envolve preparando e treinando alguém.

c. NECESSIDADE DE SUBSÍDIOS PARA AS REUNIÕES DE GRUPO



Há também, a questão de subsídios de formação para as reuniões de grupo. Alguns destes subsídios, podem ser adquiridos no Centro de Cursos de Capacitação da Juventude (CCJ) pelo link: <https://shopee.com.br/shop/848273572> e guardados numa pequena **biblioteca do grupo, da paróquia** ou da comunidade. Assim, os jovens teriam como pesquisar temas e dinâmicas a serem usados no preparo das reuniões. Não se trata de seguir todos os temas num subsídio mas de **ter acesso a diferentes subsídios**. Assim, uma equipe responsável pela preparação de um tema pode **usar sua própria criatividade mas não precisa partir do nada**.

Os membros do grupo podem ser envolvidos na preparação das reuniões. Cada semana pode ser um subgrupo diferente (uma dupla, ou trio, por exemplo, dentro

do grupo) que prepara o tema. Há equipes que fazem adaptações usando os celulares e as diferentes mídias sociais. Precisamos socializar estas experiências.

Acompanhei este novo grupo, via o grupo de WhatsApp, durante três meses, orientando, quando possível. **O grupo passou por diferentes crises.** O casal de adultos se afastou, logo no início. O seminarista confundiu seu papel e assumiu a coordenação, em lugar da jovem coordenadora que, por sua vez faltava experiência. No final de ano, depois das primeiras reuniões, deu férias para o grupo, em vez de continuar com um programa mais leve. Com o resultado, o grupo dispersou. O seminarista, também saiu do seminário e se afastou.

Conseguimos levantar uma parte do grupo de novo e provocar a eleição de um novo coordenador e uma vice coordenadora. Depois de dois anos, sem contato direto, vejo pela internet que o grupo continua funcionando e, de vez em quando, encontro com os dois coordenadores em diferentes eventos. **Citamos o exemplo aqui para enfatizar a importância de trabalhar bem o começo** e estar preparado para momentos de crise que necessitam de adaptações. **Há muitos pormenores** que podem significar a sobrevivência ou o desaparecimento do grupo. **Os modelos que seguimos** precisam ser conectados com experiências de base para evitar modelos teóricos que existem somente na cabeça de algumas pessoas, mas, na prática não funcionam. Um novo grupo é como bebê dando seus primeiros passos. O que conta é a experiência e não a varinha mágica que alguns acenam com a mão.

CONCLUSÃO

Neste artigo concentrei-me na importância dos **eventos de massa** e acompanhamento **dos grupos de jovens na base**. O trabalho com a Pastoral da Juventude não se limita, obviamente a estes dois temas. No livro que estou escrevendo, pretendo acrescentar outros temas que complementam e clareiam um projeto global para evangelizar a nova geração de jovens que nos desafia. Há, também necessidade de conceber e **organizar a pastoral como processo**, em que os jovens são protagonistas da sua própria educação na fé e no qual há um planejamento de metas e uma reflexão contínua entre teoria e prática (práxis, a prática refletida). Nosso contato com os jovens sempre vai modificando e melhorando nossas teorias.